



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

Na faixa de pedestres

O respeito à faixa de pedestres, que completa 29 anos, amanhã, é um motivo de orgulho do brasiliense. É a única cidade brasileira onde você pode acenar com a mão e parar o fluxo de carros para atravessar. Em nenhum outro lugar, o pedestre se investiu de tanto poder. Não eram os pais que educavam as crianças; eram as crianças que educavam os pais.

Em determinado momento, elas brincavam de brecar o furor dos carros com o simples sinal da mão, o sinal de vida. Beirava a irresponsabilidade de mais gratuita. Mas, para mim, esse é o símbolo máximo da civilidade e da inversão das relações de poder entre a máquina e o homem, entre o mais forte e o mais vulnerável.

O respeito à faixa nasceu de uma campanha bem-sucedida lançada pelo **Correio** e pelo GDF. Em um primeiro momento, os policiais não multavam; eles educavam. O então governador Cristovam Buarque colocou um guarda de trânsito em cada faixa para fiscalizar o cumprimento da lei. Não havia

efetivo suficiente, mas ele recorreu à Polícia Militar. Deu certo e entrou para a lista das leis que pegaram.

Na época, o próprio Cristovam foi flagrado por um fotógrafo atravessando a pista em frente ao Palácio do Buriti fora da faixa. O **Correio Braziliense** estampou uma capa com duas imagens e as legendas: Não faça como ele (Cristovam) e Faça como eles (Os Beatles na famosa foto de uma capa de um dos discos, em que atravessavam a faixa). Cristovam assumiu o erro, pagou a multa e deu o exemplo.

É verdade que o desenho urbanístico da cidade contribuiu muito para o sucesso da faixa. As superquadras

induzem a uma velocidade baixa e favorecem a uma ampla visão dos motoristas sobre o movimento nas pistas. Nas cidades-satélites, a história é diferente, não se respeita tanto o pedestre, o fluxo é selvagem e a faixa é mais perigosa. Parecem espaços de mundos completamente distintos.

Mas, na verdade, é uma questão de educação. O investimento teve como alvo, principalmente, o Plano Piloto, e não as regiões administrativas. Existem muitas Brasília dentro de Brasília. E é preciso olhar e cuidar de todas elas.

Com a redução das campanhas, ocorreram muitos acidentes e, alguns deles, com mortes. Criada sob o signo

da utopia, nos últimos anos, Brasília tornou-se uma cidade distópica, receptiva ao que há de pior no país. No entanto, a faixa de pedestre ainda é um sinal de utopia que nos restou. Eu não sinto 100% de segurança, sempre procuro me precatar e só atravesso com a certeza de que os carros pararam. Mas, quando viajo para outras cidades, percebo a diferença.

Em nenhum outro lugar, os motoristas têm o respeito pelos pedestres como ocorre nas ruas do Plano Piloto. É um sinal de civilidade que deveria se expandir para as outras regiões administrativas do DF. A cidade foi criada sob a utopia de ser referência para o restante do país.

TRÂNSITO / Caminhão carregado de ração perdeu o freio e atingiu 12 carros na EPIA Norte, na descida do Colorado, sentido Plano Piloto. Via ficou interditada por três horas, formando um congestionamento de cerca de 15 quilômetros

Engavetamento deixa oito feridos

» LETÍCIA MOUHAMAD

Um grave engavetamento envolvendo um caminhão e 12 carros de passeio interrompeu o fluxo na descida do Colorado, sentido Plano Piloto, na manhã desta segunda-feira. O sinistro ocorreu por volta das 6h24, no KM 4 da DF-003, após uma carreta Volvo FV carregada de ração para cães perder o controle e atingir os veículos que estavam parados na via devido a um incidente anterior. O impacto foi tão forte que o caminhão tombou no canteiro central, espalhando a carga pela pista e deixando um rastro de destruição.

O Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal (CBMDF) mobilizou nove viaturas para o local. Oito vítimas — cinco mulheres e três homens — foram socorridas conscientes e orientadas, apresentando escoriações leves e dores no tórax e na região cervical. Em um dos casos mais críticos, os militares realizaram o desencarceramento de ocupantes de um Fiat Uno vermelho, que ficou completamente destruído.

Uma testemunha que passava de motocicleta no momento da colisão descreveu o cenário de desespero: “As pessoas estavam

no carro vermelho, desesperadas, querendo sair. Tinha um homem com o braço sangrando e uma mulher muito espantada. As vítimas gritavam dentro dos carros, foi horrível”. Outras pessoas que presenciaram as colisões relataram ter visto, ainda, um senhor desacordado dentro de um dos veículos.

O motorista da carreta saiu ileso e relatou à Polícia Militar (PMDF) que os freios do veículo falharam quando ele tentou reduzir a velocidade ao notar a retenção no trânsito. De acordo com a 9ª Delegacia de Polícia (Lago Norte), o condutor foi submetido ao teste do bafômetro, que deu negativo, e estava com a documentação e o exame toxicológico em dia. A perícia técnica foi realizada no local para confirmar as condições de segurança dos itens básicos do caminhão, como pneus e o sistema de frenagem, cujos resultados devem subsidiar o inquérito policial.

A magnitude do sinistro provocou um reflexo imediato na mobilidade da região norte, com o congestionamento atingindo cerca de 15 quilômetros, chegando à altura da Estância, em Planaltina. Durante as quase três horas de interdição, passageiros de transporte público abandonaram os coletivos para seguir o trajeto a pé ou aguardar em

Material cedido ao Correio



Motorista da carreta disse à PMDF que os freios falharam quando ele tentou reduzir a velocidade

áreas seguras, enquanto o tráfego era desviado lentamente por apenas uma faixa da marginal no viaduto do Taquari.

A operação de limpeza exigiu esforço concentrado para a

remoção das toneladas de ração e dos destroços de lataria que ficaram espalhados por todas as faixas de rolamento. A liberação total das vias ocorreu por volta das 9h, após o trabalho conjunto do

Detran-DF e do DER-DF na retirada dos automóveis sinistrados e na lavagem do asfalto.

A Polícia Civil informou que iniciou a coleta de imagens de câmeras de monitoramento da rodovia

e deve começar as oitivas com os condutores dos 12 veículos atingidos ainda nesta semana, buscando esclarecer se houve imprudência ou falha mecânica inevitável por parte do veículo de carga.

PODCAST DO CORREIO

Filas do INSS estão na internet

» LUIZ FELLIPE ALVES

Presidente da Associação Brasileira de Mulheres das Carreiras Jurídicas-DF, Thais Riedel foi a convidada do podcast do **Correio** da última sexta-feira. Durante a conversa com os jornalistas Ronayre Nunes e Ana Maria Campos, a advogada abordou como serviços de inteligência artificial reproduzem discursos machistas e debateu falou sobre os desafios da mulher no mercado tecnológico. Além disso, a professora e especialista em direito previdenciário detalhou os gargalos do INSS, propondo a criação de um código previdenciário.

O direito está no DNA de Thais. Vinda de uma família tradicional da advocacia — com representantes como Ulisses Riedel —, a influência foi fundamental para ela seguir a carreira jurídica. “Eu venho de uma família de juristas, do lado paterno e materno. Desde pequenina eu convivía com esse assunto”, contou. Segundo Thais, a família segue um dilema de ‘jurista e idealista’, que enxerga a prática profissional como uma ferramenta para mudar a realidade. O início da carreira dela foi marcado pelo direito trabalhista, no escritório da família. Mesmo gostando do assunto, preferiu o direito previdenciário. “Essa área é muito social, você consegue ajudar muitas pessoas. E ele trata de todas as

situações que envolvem riscos para as pessoas”, acrescentou.

Thais elogiou o modelo de Seguridade Social do Brasil, instituído pela Constituição de 1988, que, segundo ela, foi inspirado no europeu, e coloca sob o mesmo guarda-chuva: saúde, assistência e previdência social. “Porque são três áreas que vão lidar com a proteção do risco, então, com saúde, a minha população trabalha. Trabalhando, ela contribui, porque amanhã ela pode não ter saúde, então ela vai ter uma renda de um seguro público, e a assistência para aqueles que não conseguiram estar protegidos pela previdência”, detalha.

Mesmo com o orçamento para a Seguridade Social — composto pela contribuição do trabalhador, loteria, importação, lucro, PIS, Cofins e outros — Thais exemplifica que o sistema é como se fosse uma panela que tem que dar conta de três pratos. “A Constituição fala que é para tributar o trabalhador, os segurados. Era para ter uma diversificação para ter outras fontes de arrecadação”, explicou. Segundo a advogada, o mecanismo de Desvinculação de Receitas da União (DRU) repassa 30% do orçamento que deveria ir para saúde, assistência e previdência para outras finalidades.

COM APOIO:



A advogada propõe a criação de um código previdenciário nacional para resolver a “colcha de retalhos”. “Há muitas leis que precisam ser consolidadas para facilitar o entendimento da população. Eu vejo essa dificuldade até em sala de aula”, explicou.

Previdência

“O INSS é o maior litigante (que pleiteia direitos ou contesta demandas) do país”, definiu Thais Riedel.

A advogada e professora comentou que o Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) possui muitas falhas administrativas que precisam ser resolvidas. “Isso é muito ruim, são demandas que poderiam ser resolvidas administrativamente, até porque são repetitivas”, disse.

Segundo a jornalista Ana Maria Campos, muitas pessoas reclamam ao caderno *Direito & Justiça* sobre o longo tempo de espera para ser atendido pelo telefone 135, chegando a esperar 80 minutos e, quando chega a hora do atendimento, a ligação cai. A advogada afirmou que as filas, que antes poderiam ser

encontradas nas portas de agências do INSS, agora se encontram na internet. Thais apontou que a transição acelerada do órgão para o meio digital, embora positiva em alguns aspectos, criou essas filas e retirou o olhar humano essencial na triagem dos pedidos.

A razão para isso, segundo ela, foi a queda na contratação de servidores e o aumento do investimento na tecnologia. “Eu posso estar em Brasília e um servidor do Ceará está analisando o meu processo. Por um lado, isso é bom, entretanto, eu preciso ter um humano, de forma presencial, para analisar o processo”, afirmou.



Escaneie o QR Code e assista à entrevista completa

Para a advogada, a população pode enfrentar dificuldades sem a devida assistência de um servidor em tratativas como documentação e o modo correto de seguir com a entrada da aposentadoria, por exemplo.

Mercado digital

“Eu nunca tinha parado para pensar, mas a IA é machista”, afirmou Thais Riedel. A advogada explicou que serviços de inteligência artificial se debruçam em um repositório que, em sua maioria, foi escrito por um olhar masculino, o que, segundo ela, “sempre resultará em obras enviesadas”. Para Thais, isso é resultado da pouca presença feminina na área. “Quando olhamos o percentual das mulheres que trabalham com IA, vemos que ocupam apenas 16%. Precisamos trazer mulheres para o mundo da tecnologia”, afirmou.

Thais comentou que teve a percepção de que a IA reproduz informações com olhar masculino após participar de uma conferência que abordou inteligência artificial e gênero. “Então, algo que é para ser neutro, acaba sendo feito unicamente com a visão masculina”, disse. A advogada afirma que há discussões sobre o assunto. “Ainda temos muito que aprimorar”, concluiu.